

Literatura Brasileira

Literatura Brasileira Na era colonial

Literatura brasileira produzida durante a era colonial, como o próprio nome diz, corresponde a toda produção literária do Brasil produzida no período em que éramos colônia de Portugal. Essa produção literária, embora tenha particularidades da realidade brasileira, sofreu forte influência portuguesa e tem forte relação com o desenvolvimento econômico brasileiro.

Nesses centros econômicos, desenvolvia-se também a produção literária, o que fez surgir o conceito de ilhas culturais, para determinar o espaço de produção literária no país relacionado aos centros econômicos.

Tivemos, nesse período, três escolas literárias:

- Literatura informativa ou Quinhentismo: primeiros relatos escritos sobre o Brasil. Destacam-se a Carta de Pero Vaz de Caminha e os escritos do Frei Vicente de Salvador; Ganham destaque também os textos dos jesuítas.
- Barroco: produção literária que apresenta os contrastes entre fé e razão, consequência do momento histórico vivido no mundo (Renascimento, Reforma e contrarreforma...). No Brasil, inicia-se com a obra Prosopopeia de Bento Teixeira, mas ganham destaque as produções de Gregório de Matos, especialmente os poemas satíricos.
- Arcadismo: o Arcadismo no Brasil é marcado por uma linguagem simples, pela ideia da fuga da cidade para o campo, pela exaltação da natureza, pelo bucolismo (valorização da vida simples).

Literatura Brasileira na era Nacional

Era Nacional A Era Nacional da literatura brasileira começa em 1836 e dura até os dias atuais. Começa com o Romantismo e perpassa pelo Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Pré-Modernismo, Modernismo e o Pós-modernismo.

Recebe esse nome pois ela aconteceu após a Independência do Brasil, em 1822. Nesse período o nacionalismo é uma forte característica, notória na literatura romântica e moderna.

Romantismo Essa é a primeira escola literária a registrar um movimento genuinamente brasileiro. O Romantismo no Brasil se inicia em 1836, com a publicação da obra *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves Magalhães.

Realismo: O Realismo no Brasil começa em 1881 quando Machado de Assis publica Memórias Póstumas de Brás Cubas.

As principais características são o objetivismo e a veracidade dos fatos, os quais são explorados por meio de uma linguagem descritiva e detalhada. Temas sociais, urbanos e cotidianos são apresentados pelos escritores do período.

Naturalismo: O Naturalismo no Brasil tem início em 1881 com a publicação da obra O Mulato de Aluísio de Azevedo. Paralelo ao realismo, esse movimento literário também pretendia apresentar um retrato fidedigno da sociedade, no entanto, com uma linguagem mais coloquial.

Parnasianismo: tem como marco inicial a publicação da obra Fanfarras, de Teófilo Dias, em 1882. Essa também é outra escola literária que surge paralela ao realismo e o naturalismo. Todavia, sua proposta era bem diferente e portanto, foi classificada de maneira independente.

Simbolismo : O Simbolismo começa em 1893 com a publicação de *Missal e Broquéis*, de Cruz e Souza. Ele vai até o início do século XX, quando ocorre a Semana de Arte Moderna.

As principais características dessa escola literária são o subjetivismo, o misticismo e a imaginação.

Pré-Modernismo: O pré-modernismo no Brasil foi uma fase de transição entre o simbolismo e o modernismo que ocorreu no início do século XX.

Aqui, já se via despontar algumas características modernas como a ruptura com o academicismo e ainda, o uso de uma linguagem coloquial e regional.

Algumas obras da
literatura Brasileira
colonial
e
Nacional

* Literarura Quintista

Poema da Virgem de Padre José de Anchieta

COMPAIXÃO DA VIRGEM NA MORTE DO FILHO

Por que ao profundo sono, alma, tu te abandonas, e em pesado dormir, tão fundo assim ressonas? Não te move a aflição dessa mãe toda em pranto, que a morte tão cruel do filho chora tanto? O seio que de dor amargado esmorece, ao ver, ali presente, as chagas que padece? Onde a vista pousar, tudo o que é de Jesus, ocorre ao teu olhar vertendo sangue a flux.

Olha como, prostrado ante a face do Pai, todo o sangue em suor do corpo se lhe esvai. Olha como a ladrão essas bárbaras hordas pisam-no e lhe retêm o colo e mãos com cordas. Olha, perante Anás, como duro soldado o esbofeteia mau, com punho bem cerrado. Vê como, ante Caifás, em humildes meneios, agüenta opróbrios mil, punhos, escarros feios. Não afasta seu rosto ao que o bate, e se abeira do que duro lhe arranca a barba e cabeleira. Olha com que azorrague o carrasco sombrio retalha do Senhor a meiga carne a frio.

Olha como lhe rasga a cerviz rijo espinho, e o sangue puro risca a face toda arminho. Pois não vês que seu corpo, incivilmente leso, mal susterá ao ombro o desumano peso? Vê como a dextra má finca em lenho de escravo as inocentes mãos com aguçado cravo. Olha como na cruz finca a mão do algoz cego os inocentes pés com aguçado prego. Ei-lo, rasgado jaz nesse tronco inimigo, e c'o sangue a escorrer paga teu furto antigo! Vê como larga chaga abre o peito, e deságua misturado com sangue um rio todo d'água. Se o não sabes, a mãe dolorosa reclama para si quanto vês sofrer ao filho que ama. Pois quanto ele aguentou em seu corpo desfeito, tanto suporta a mãe no compassivo peito. Ergue-te pois e, atrás da muralha ferina cheio de compaixão, procura a mãe divina. Deixaram-te uma e outro em sinais bem marcada a passagem: assim, tornou-se clara a estrada. Ele aos rastros tingiu com seu sangue tais sendas, ela o solo regou com lágrimas tremendas. Procura a boa mãe, e a seu pranto sossega, se acaso ainda aflita às lágrimas se entrega. Mas se essa imensa dor tal consolo invalida, porque a morte matou a vida à sua vida, ao menos chorarás todo o teu latrocínio, que foi toda a razão do horrível assassínio.

Mas onde te arrastou, mãe, borrasca tão forte? que terra te acolheu a prantear tal morte? Ouvirá teu gemido e lamento a colina, em que de ossos mortais a terra podre mina? Sofres acaso tu junto à planta do odor, em que pendeu Jesus, em que pendeu o amor? Eis-te aí lacrimosa a curtir pena inteira, pagando o mau prazer de nossa mãe primeira! Sob a planta vedada, ela fez-se corruta: colheu boba e loquaz, com mão audaz a fruta. Mas a fruta preciosa, em teu seio nascida, à própria boa mãe dá para sempre a vida, e a seus filhos de amor que morreram na rega do primeiro veneno, a ti os ergue e entrega. Mas findou tua vida, essa doce vivência do amante coração: caiu-te a resistência! O inimigo arrastou a essa cruz tão amarga quem dos seios, em ti, pendeu qual doce carga. Sucumbiu teu Jesus transpassado de chagas, ele, o fulgor, a glória, a luz em que divagas. Quantas chagas sofreu, doutras tantas te dóis: era uma só e a mesma a vida de vós dois! Pois se teu coração o conserva, e jamais deixou de se hospedar dentro de teus umbrais, para ferido assim crua morte o tragar, com lança foi mister teu coração rasgar.

Rompeu-te o coração seu terrível flagelo, e o espinho ensangüentou teu coração tão belo. Conjurou contra ti, com seus cravos sangrentos, quanto arrastou na cruz o filho, de tormentos. Mas, inda vives tu, morto

Deus, tua vida? e não foste arrastada em morte parecida? E como é que, ao morrer, não roubou teus sentidos, se sempre uma alma só reteve os dois unidos? Não puderas, confesso, agüentar mal tamanho, se não te sustentasse amor assim estranho; se não te erguesse o filho em seu válido busto, deixando-te mais dor ao coração robusto. Vives ainda, ó mãe, p'ra sofrer mais canseira: já te envolve no mar uma onda derradeira. Esconde, mãe, o rosto e o olhar no regaço: eis que a lança a vibrar voa no leve espaço. Rasga o sagrado peito a teu filho já morto, fincando-se a tremer no coração absorto. Faltava a tanta dor esta síntese finda, faltava ao teu penar tal complemento ainda! Faltava ao teu suplício esta última chaga! tão grave dor e pena achou ainda vaga!

Com o filho na cruz tu querias bem mais: que pregassem teus pés, teus punhos virginais.

Ele tomou p'ra si todo o cravo e madeiro e deu-te a rija
lança ao coração inteiro. Podes mãe, descansar; já
tens quanto querias: Varam-te o coração todas as
agonias. Este golpe encontrou o seu corpo desfeito: só
tu colhes o golpe em compassivo peito. Chaga santa,
eis te abriu, mais que o ferro da lança, o amor de
nosso amor, que amou sem temperança! Ó rio, que
confluis das nascentes do Edém, todo se embebe o
chão das águas que retém! Ó caminho real, áurea
porta da altura! Torre de fortaleza, abrigo da alma
pura! Ó rosa a trescalar santo odor que embriaga! Jóia
com que no céu o pobre um trono paga! Doce ninho no
qual pombas põem seus ovinhos e casta rola nutre os
tenros filhotinhos! Ó chaga que és rubi de ornamento
e esplendor, cravas os peitos bons de divinal amor! Ó
ferida a ferir corações de imprevisto, abres estrada
larga ao coração de Cristo! Prova do estranho amor,
que nos força à unidade! Porto a que se recolhe a
barca em tempestade! Refugiam-se a ti os que o mau
pisa e afronta:

mas tu a todo o mal és medicina pronta! Quem se
verga em tristeza, em consolo se alarga: por ti, depõe
do peito a dura sobrecarga! Por ti, o pecador, firme em
sua esperança, sem temor, chega ao lar da bem-
aventurança! Ó morada de paz! sempre viva cisterna
da torrente que jorra até a vida eterna! Esta ferida, ó
mãe, só se abriu em teu peito: quem a sofre és tu só,
só tu lhe tens direito. Que nesse peito aberto eu me
possa meter, possa no coração de meu Senhor viver!
Por aí entrarei ao amor descoberto, terei aí descanso,
aí meu pouso certo! No sangue que jorrou lavarei
meus delitos, e manchas delirei em seus caudais
benditos! Se neste teto e lar decorrer minha sorte, me
será doce a vida, e será doce a morte!

literatura Barroca

Gregório de Matos

2º SONETO À MORTE DE AFONSO BARBOSA DA
FRANCA (327)

Alma gentil, espírito generoso,
Que do corpo as prisões desamparaste,
E qual cândida flor em flor cortaste
De teus anos o pâmpano viçoso.
Hoje, que o sólio habitas luminoso,
Hoje, que ao trono eterno te exaltaste,
Lembra-te daquele amigo a quem deixaste
Triste, absorto, confuso, e saudoso.
Tanto tua virtude ao céu subiste,
Que teve o céu cobiça de gozar-te,
Que teve a morte inveja de vencer-te.
Venceste o foro humano em que caíste,
Goza-te o céu não só por premiar-te,
Senão por dar-me a mágoa de perder-te.

Literatura Arcadismo

Poemas de Cláudio Manoel da Costa

Sonetos

II

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Por que vejas uma hora despertado
O sono vil do esquecimento frio:
Não vês nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento de um álamo copado;
Não vês ninfa cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio.
Turvo banhando as pálidas areias
Nas porções do riquíssimo tesouro
O vasto campo da ambição recreias.
Que de seus raios o planeta louro
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

Literatura nacional : Romantismo

José de Alencar

A VALSA I

ESTRUGE a orquestra, ressoa

A valsa alegre e brilhante.

Abre roda o bando; voa

O turbilhão deslumbrante.

Pelo braço do amante que a estremece,

Linda virgem se embala docemente:

São noivos. Flui do casto amor primeiro

No sorriso a delícia rubescente.

Mas ela pára. Chega um cavalheiro

E a arrebatada na valsa que a fascina;

Delira o pé gentil; erguida a fímbria

Da perna ostenta a carnação divina.

Foge do moço a cor ao rosto, e a vida

Como se a alma do corpo se partira.

Não crê, duvida ainda, alonga os olhos;

Antes morrera, ou nunca mais a vira.

Literatura era nacional: Realismo

Machado de Assis

MUNDO INTERIOR

Ouço que a Natureza é uma lauda eterna
De pompa, de fulgor, de movimento e lida,
Uma escala de luz, uma escala de vida
De sol à ínfima luzerna.

Ouço que a natureza, — a natureza externa, —
Tem o olhar que namora, e o gesto que intimida
Feiticeira que ceva uma hidra de Lerna Entre as flores
da bela Armida.

E contudo, se fecho os olhos, e mergulho
Dentro em mim, vejo à luz de outro sol, outro abismo
Em que um mundo mais vasto, armado de outro
orgulho.

Rola a vida imortal e o eterno cataclismo,
E, como o outro, guarda em seu âmbito enorme,
Um segredo que atrai, que desafia — e dorme.

Literatura era nacional: Naturalismo

Álvares de Azevedo

Um cadáver de poeta

De tanta inspiração e tanta vida

Que os nervos convulsivos inflamava

E ardia sem conforto.. .

O que resta? uma sombra esvaecida,

Um triste que sem mãe agonizava . .

Resta um poeta morto!

Morrer! e resvalar na sepultura.

Frias na frente as ilusões—no peito

Quebrado o coração!

Nem saudades levar da vida impura

Onde arquejou de fome . . sem um leito!

Em treva e solidão!

Tu foste como o sol; tu parecias

Ter na aurora da vida a eternidade

Na larga frente escrita. . .

Porém não voltarás como surgias!

Apagou-se teu sol da mocidade

Numa treva maldita!

Tua estrela mentiu.

E do fadário

De tua vida a página primeira

Na tumba se rasgou...

Pobre gênio de Deus, nem um sudário!

Nem túmulo nem cruz! como a caveira Que um lobo
devorou! . . .

literatura era Nacional:Parnasianismo

Fanfarras, de Teófilo Dias

A NUVEM

Sulcas o ar de um rastro perfumoso
Que os nervos me alvoroça e tentaliza,
Quando o teu corpo musical desliza Ao hino de teu
passo harmonioso.

A pressão do teu lábio saboroso
Verte-me na alma um vinho que eletriza,
Que os músculos me embebe, e os nectariza,
E afrouxa-os, num delíquio langoroso.

E quando junto a mim passas, criança,
Revolta a crespa, luxuosa trança,
Na espadua arfando em túrbidos negrumes,

Nafraga-me a razão em sombra densa,
Como se houvera sobre mim suspensa
Uma nuvem de cálidos perfumes!

Literatura era Nacional: Simbolismo

Broquéis, de Cruz e Souza

LÉSBIA

Cróton selvagem, tinhorão lascivo,
Planta mortal, carnívora, sangrenta,
Da tua carne báquica rebenta
A vermelha explosão de um sangue vivo.

Nesse lábio mordente e convulsivo,
Ri, ri risadas de expressão violenta
O Amor, trágico e triste, e passe, lenta,
A morte, o espasmo gélido, aflitivo...

Lésbia nervosa, fascinante e doente,
Cruel e demoníaca serpente
Das flamejantes atrações do gozo.

Dos teus seios acídulos, amargos,
Fluem capros aromas e os letargos,
Os ópios de um luar tuberculoso...

Literatura era Nacional: Pré-Modernismo

monteiro lobato com o fantastico mundo do sitio do
picapal amarelo

disponivel em

:<http://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/files/Exposi%C3%A7%C3%B5es%20>

Literatura era nacional: Modernismo

O QUINZE Rachel de Queiroz

<https://rl.art.br/arquivos/6075839.pdf>